



Narrativa Política: diegese da Revista Veja sobre a América Latina ¹

Antonio Sebastião da SILVA²
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

RESUMO

Na observação das narrativas sobre a América Latina é possível conceber a existência de posicionamentos discursivos que se tornam consensuais. Não se trata, no entanto, de definição de uma postura como resultado consensual da sociedade, relaciona-se ao processo comunicativo e suas estratégias de convencimentos, na ordem ideológica e de poder. Importante, assim, compreender as estratégias de Veja sobre as narrativas políticas sobre a América Latina, tendo como análise as capas do semanário entre os anos de 2008 e 2012, cujo recorte leva em consideração as edições com publicações sobre Cuba, da família Castro. A rigor, a diegese da revista pode ser fundamental na construção da realidade brasileira e região, considerando seu projeto dramático, na legitimação de personagens numa trama que tem relações globais e neoliberais.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas; Jornalismo; América Latina; Globalização.

INTRODUÇÃO

Objetivamente, a compreensão da América Latina por meio das narrativas midiáticas, obriga-nos inicialmente a refletir sobre a composição dos acontecimentos jornalísticos e como se forma nesse processo de construção pelo narrador. Um dos pontos fundamentais a analisar nesta abordagem é que, em essência, a narrativa não se constrói solitariamente, mas a partir de várias outras narrativas, que buscam permanentemente sentido de composição, de modo a se ordenar, ao longo do tempo, configurando-se em composições dramáticas, que aparecem em outras narrativas. Assim, há formação de uma teia, com muitos nós na sua extensão, interligando-se, mas na direção ao projeto do narrador, pelo qual sai à definição dos conceitos de verdade, que, antes, porém, primeiramente deriva dos significados e sentidos das palavras, que se formam, na relação de força da polifonia de vozes autorizadas.

Neste sentido, nossa proposta é compreender como a narrativa da Revista Veja em suas capas ao longo de 5 anos (2008-2012), ordena suas narrativas sobre a política

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Doutorando da Faculdade de Comunicação (Jornalismo e Sociedade) da Universidade de Brasília (FAC/UnB) e professor da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e-mail: antoniosilva@gmail.com



latino-americana, com atenção às matérias publicadas sobre Cuba da família Castro, que passa por tempos de mudanças econômicas em virtude da sistematização global do neoliberalismo. Efetivamente, o leitor do semanário nesse processo narrativo faz um percurso, de modo que quando chega às reportagens regionais terá um discurso psiquicamente ordenado pelo enquadramento dramático na diegese do narrador.

Assim, esse quase emaranhado de narrativas (verbal e não verbal) nos obriga a dar atenção aos procedimentos pelos quais passa a configuração, mostrando-se conectada com a realidade que se revela, e que, no entanto, está a nos guiar por caminhos seguros, nas intersubjetividades de grupos de enunciados do narrador, considerando, todavia, a ordem polifônica das narrativas, que exige diálogo com o universo cultural dos interlocutores, no cotidiano. Nesta análise teórica, o projeto dramático de *Veja*, o nosso recorte de pesquisa aqui, segue os conceitos, numa referência a uma matriz hegemônica em formação, com ordenação do imaginário, em decorrência de enunciados, conceitos e enquadramentos de outras histórias, os quais dão sentido ao que se afirma no presente, apenas momentaneamente, mas com reflexos posteriores para outras narrativas, que estão consubstanciadas umas nas outras.

NARRATIVAS PARA A ORDEM SOCIAL

Numa sociedade mais complexa em tempos de globalização, o conhecimento dos fatos sociais tornou-se o processo de mediação inevitável e fundamental, diante da modificação do espaço tempo. A importância dos meios de comunicação em nossas vidas vai se revelando tão arraigada que “quando viajamos pelo mundo para lugares mais distantes como visitantes ou turistas, nossa experiência vivida é muitas vezes precedida por um conjunto de imagens e expectativas adquiridas através da nossa prolongada exposição aos produtos da mídia” (THOMPSON, 1998, p. 38- 39). Assim, como resume Thompson, “nossa experiência vivida foi precedida por uma série de ideias preconcebidas e derivadas, pelo menos em parte, das palavras e imagens transmitidas pela mídia” (1998, p. 39), que no final abrange nossa compreensão da realidade numa espécie de “mundanidade mediada” (1998, P. 38). Portanto, na dependência desse fluxo de comunicação.

Deste modo, as narrativas dos meios de comunicação ganham grande importância, na sociedade contemporânea, em decorrência de possibilidades de mais informação e acontecimentos, que dizem respeito ao nosso cotidiano. Nas disputas, a



ordem social exige estratégias de modo a manter o equilíbrio do sistema, político substancialmente, de modo a manter seu funcionamento e coesão social. Para este fim, a busca de acumulação de capital simbólico se torna fundamental, que consiste em permitir a formação de lideranças para manutenção de modelos sociais, em conformidade com determinada organização de poder. Deste modo, torna-se um meio de “poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo” (BOURDIEU, 2010, p. 14). Com atenção nas narrativas do jornalismo, neste sentido, a análise do autor tem complementaridade, pois, “o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras” (2010, p. 15). Ou melhor, as mediações, ao mesmo tempo em que são imprescindíveis para o pertencimento do indivíduo à sociedade ganham notoriedade, mostrando-se portas abertas para a construção de realidade que legitima (palavras, enquanto signo de representação) argumentos, os quais mantem o domínio da ordem política e social.

Nesta linha de sentido, como avalia Foucault, “com forma de funcionar parcialmente distinta há as ‘sociedades de discurso’, cuja função é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição” (2008, p. 39).

O difícil mesmo é acreditar que as narrativas do jornalismo sejam mesmo inocentes, de modo a apenas dar conta do acontecimento, sem, no entanto, interferir de maneira ideológica³ na publicação, que estará nas mãos dos leitores. A rigor, “É impossível desconsiderar as manobras e artimanhas discursivas decorrentes das intenções do autor/narrador na análise, sejam elas conscientes ou inconscientes” (MOTTA, 2013, p. 121). De modo que o real e ficcional se aproximam, pois, na tradução do fato, a notícia carrega em si a participação dos narradores. O que efetivamente não torna o jornalismo, em essência, ficcional, mas com participação dos narradores (quais sejam o veículo, jornalista e fontes-personagens) no processo de produção do noticiário – que pressupõe disputas pelo poder. Por essa razão, seguindo, a

³ A concepção de ideologia que trabalhamos aqui não se refere às ideias dominantes de uma classe sobre uma subalterna, passiva, de maneira linear. Mas como descreve Terry Eagleton, no plural, “As ideologias são, de modo geral, formações diferenciadas, internamente complexas, com conflitos entre seus vários elementos que precisam ser continuamente renegociados e resolvidos” (1997, p. 51).



proposta de Motta, usamos a palavra Estórias e não História, de modo, a separar o historiador, aquele que lança mão de métodos científicos, mais ou menos rígidos para revelar os fatos que são históricos, do jornalismo que traduz a realidade através das narrativas, significativamente no tempo presente e diariamente, contudo, sem prescindir do passado e futuro (MOTTA, 2013, p.13).

Seguindo este pensamento, a narrativa, como metodologia de análise de corpus de textos desta abordagem, tem como referência as intenções do narrador-Veja, na organização do seu projeto dramático, com o objetivo de negociar sentidos com seu interlocutor – definindo, portanto, nesta relação seu enquadramento para o convencimento (dramático). Assim, na busca de dar ordem aos acontecimentos, posiciona seus personagens⁴ nas intrigas que sucedem, de modo a configurar sua estória, separando de um lado os protagonistas e seus adjuvantes (as personagens-fontes legitimadas) e os antagonistas e seus adjuvantes, aqueles que se revelam os anti-heróis da trama. Como descreve Motta, “Tais personagens são representados em situações que mudam e que reagem essas mudanças. Seguir uma estória consiste em compreender as ações, os pensamentos e sentimentos sucessivos que se desenvolvem em uma direção” (2013, p. 47-48). Portanto, a configuração e legitimidade dos personagens é uma decisão do próprio narrador, neste contexto da Revista Veja, na definição do fio da estória, a diegese⁵. No desenvolvimento da estória ocorrem os pontos de viradas, nos quais fatos novos conduzem novas expectativas, mudando-se, assim, os rumos da narrativa para a busca de novo equilíbrio, que exigem argumentos e representação dos personagens na tessitura da narrativa.

A questão-problema norteadora deste texto busca compreender como Veja recorta e narrativamente constrói a realidade da política na globalização, numa perspectiva brasileira e latino-americana. Como técnica de análise, dividimos as narrativas em três planos distintos, mas que um não prescinde do outro. Quais sejam: a) *da Expressão*, que diz respeito à linguagem e discurso do narrador. “é o plano da linguagem, plano de superfície do texto, através da qual o enunciado narrativo é construído pelo narrador (seja a linguagem visual, sonora, verbal, gestual, multimodal, etc.)” (MOTTA, 2013, p. 136); *da Estória*, que se refere ao conteúdo, considerando as

⁴ Considerando que a escolha de suas fontes é uma determinação do narrador, o que o torna, na trama política, portanto, um personagem com ações em disputas sucessivas com outros personagens, agentes sociais, porém os antagonistas.

⁵ A diegese, “corresponde ao universo virtual, possível evocado pelo discurso narrativo na mente de quem conta ou escuta uma estória: o universo espaço-temporal no qual se desenrolam os acontecimentos da estória” (MOTTA, 2013, p. 217).



disputas narrativas, as intrigas que sucedem; o plano da diegese; finalmente, *da metanarrativa*, como descreve Motta, “é o plano da estrutura profunda, relativamente mais abstrato e evasivo, que evoca imaginários culturais. Plano em que temas ou motivos de fundo ético ou moral” (2013, p.138), quando se difunde visões de mundo.

Finalmente, a escolha do semanário paulista decorre do fato de ser um dos principais meios de seu segmento no Brasil, com ampla audiência e capacidade de interferir no jogo político nacional⁶ e efeitos sobre os acontecimentos políticos na América Latina. A definição da análise diz respeito à busca da pesquisa em compreender como o leitor de *Veja* organiza suas percepções no processo de leitura da Revista até chegar às reportagens sobre a América Latina. Aqui, o recorte se refere aos anos entre 2008 e 2012, com atenção somente às publicações sobre a política de Cuba, presidida pela família Castro. Perfazendo a análise de *22 revistas, com 23 reportagens, sobre o tema*. Período em que ocorrem Mudanças políticas no país cubano e no Brasil, com Eleição de Dilma Rousseff, em 2010.

NARRATIVAS DE UMA TRAMA POLÍTICA

Como se observa em *Veja*, e que se torna ponto fundamental da narrativa, o narrador segue constantemente um roteiro, o qual serve como caminho a percorrer para atingir suas expectativas, como ordenação de conceitos para determinados sentidos, o que somente se torna possível com os enquadramentos narrativos e posicionamento dos personagens na composição da trama. No fio dessa narrativa está fundamentalmente a composição do quadro de personagens, com suas respectivas funções de antagonistas e protagonistas, na formação da diegese, a qual se torna virtualmente a sequência de sentidos para o seu interlocutor, uma espécie de luz que o guia, por sua vez. Portanto, como veremos mais adiante, o narrador, com suas propostas ideológicas e políticas, compõe uma ordenação constante, mantendo temporariamente seus fundamentos, na construção da realidade que descortina, como verdadeira e irrefutável, muitas vezes. Com atenção se pode observar, no entanto, que *Veja* não está sozinha na configuração de suas narrativas, mas vozes são fundamentais para a formação dessa matriz narrativa,

⁶ Como descreve Carla Luciana S. da Silva, “A revista *Veja* como instrumento de dominação tem tido uma ação muito mais eficiente do que os demais partidos políticos formais. Do ponto de vista político, ela tem influenciado a história brasileira de muitas formas: impondo a aprovação de reformas na Constituição, exigindo privatizações, desestabilizando governos, mantendo ou excluindo ministros” (2008, HAOL, n. 15, p. 89).



ainda que provisória, diante das disputas sucessivas no próprio processo narrativo, bem como no mundo, confrontando também com quem procura organizar a realidade.

A rigor, o leitor não abre a revista, salvo exceções, diretamente das narrativas que mais interessam, antes, porém, convencionalmente faz uma leitura da página mais ilustrativa do veículo - talvez a que agarra o leitor, por meio de seu tema-dramático, ainda que, de cunho comercial, porém ideológico -, em que há uma configuração de imagens e textos, já definindo pontos importantes do processo narrativo. Seguindo esse caminho, certamente, fazemos o percurso do leitor tradicional, que inicia pela capa e vai folheando as páginas, numa sequência – até mesmo pensada pelo narrador-veículo, estrategicamente - e fazendo suas paradas, conforme o assunto que mais lhe interessa.

Embora pareça um comportamento comum, mas o leitor então começa a se deparar com as narrativas, previamente, – como já dito, não há narrativa isenta, imparcial, inocente -, fazendo ilações, comparações, enfim, se mostrando aberto ao diálogo com as vozes que surgem no caminho narrativo, o qual permite descortinar o mundo nas mediações de um único meio, uma vez que Veja tenta abarcar diversos temas, como tentamos mostrar nesta abordagem. A procura, portanto, neste momento, é da narrativa da capa, com o objetivo de fazer referência sistêmica aos acontecimentos-intrigas sobre a América Latina (neste caso a referência é o país cubano), para os quais o leitor inevitavelmente chegará já preparado, com outras referências, para, então, vislumbrar o pano de fundo, sobre o qual a revista define sua narrativa hegemônica, com suas formas simbólicas.

Neste episódio, *Estórias de Veja*, especificamente sobre Cuba, em conformidade com o recorte da pesquisa, em *22 revistas e 23 reportagens*,⁷ nas capas do semanário, o enquadramento dramático segue os conflitos sociais, na configuração da estória, com destaque para as intrigas envolvendo a campanha eleitoral de 2010, quando Dilma Rousseff, Luiz Inácio Lula da Silva e o partido dos trabalhadores (PT) se transformam em personagens importantes da trama, nesse primeiro contato com as narrativas do semanário paulista. Numa análise sobre a temática política, a revista traz, durante o episódio, *12 destaques nas capas*, assim distribuídos:

⁷ A rigor, as capas da revista se compõem somente de edições que foram selecionadas a partir das matérias publicadas na capa ou internamente sobre o país cubano, efetivamente. Deste modo, as narrativas da página especificamente se relacionam com os acontecimentos de cobertura temporal do semanário, neste período.



Tabelas 1 – Narrativas políticas das capas de Veja sobre a América Latina, incluindo o Brasil, cujo recorte tem como referência às publicações sobre Cuba.

Ano	Capa	Páginas Internas
2008	3	4
2009	0	4
2010	7	9
2011	1	3
2012	1	3

Como se nota na tabela acima, o enquadramento dramático da Revista ocorre exponencialmente em períodos eleitorais, em que há disputas pelo poder político, como em 2008 e 2010, no Brasil e em Cuba, com transição política no governo, com doença de Fidel Castro.

Numa análise geral das narrativas da capa de Veja, no período analisado (2008-2012), com referência as publicações sobre Cuba, no quadro que se observa, portanto: no que se refere aos gêneros jornalísticos, destaque para política, em 15 edições, sendo, depois, saúde (2) e comportamento (2). Um veículo que trabalha com vários gêneros narrativos, na busca de atenção do leitor, para suas narrativas e metanarrativas, conforme tabela 2. Na análise sobre as referências geopolíticas, ou seja, dentre os países no destaque da capa, com manchete principal nas narrativas de Veja, o Brasil mantém hegemonia (15), Geral vem a seguir, formado por temáticas que não fazem referência a apenas uma nação específica, portanto, de organização geral, (3), depois Estados Unidos, Cuba, Inglaterra e Darful, na África. Dessa forma, incluindo o Brasil, o narrador procura dar cobertura a diversas regiões, nesse contexto, América Latina, Europa, América do Norte e África.

Tabela 2 – Destaque principal da capa de Veja: Gêneros e geopolítica, em recorte da publicação sobre Cuba.

Gênero Narrativo – Capa (destaque principal)	Destaques Capa	Geopolítica	Destaques Capa
<i>Política</i>	12	<i>Brasil</i>	15
Saúde	2	Geral	3
Comportamento	2	<i>Estados Unidos</i>	1
Beleza	1	<i>Cuba</i>	1
Ciência	1	Inglaterra	1
Religião	1	Darful – África	1



Economia	1		
Tecnologia	1		
Social – Casamento Real	1		

Nota: Os destaques tomados aqui como referências à manchete principal de Veja, nas capas, no intervalo de tempo das narrativas do semanário, sobre Cuba.

Na diegese de Veja

Nas disputas políticas para a sucessão do presidente Lula, a primeira narrativa sobre política traz como vinheta e título: “*Exclusivo - o manual dos ladrões: o relatório final da PF sobre o escândalo dos correios revela o método dos corruptos para saquear o Estado*” (30/01/2008, ed. 2045). Na imagem, está Maurício Marinho, diretor dos Correios, recebendo propinas, em preto e branco, um fantasma que estende a mão para receber dinheiro. O personagem está sentado diante de uma mesa, com terno e gravata, com fundo branco, abaixo o título, com destaque "O manual dos ladrões". Estória do narrador em *flashback* (em tempo pretérito), que teve seu início em 2005, quando envolveu o PT e os partidos aliados do governo Lula, que culminou, no final, com a prisão de líderes políticos. Entre os personagens merecem grande importância na trama: Roberto Jefferson, que denuncia nos jornais o escândalo de uso de verbas públicas para pagamento de mensalidades a parlamentares para aprovação de projetos do governo Lula, e José Dirceu, personagem com forte liderança no PT, e quem organiza o cenário político, no sentido de viabilizar verbas aos “partidos amigos” e atender aos interesses da presidência da República.

Cuba entra na estória da capa de Veja, no dia 7/2/2008 (ed. 2049), com o título emblemático: “*Já vai tarde: O fim melancólico do ditador que isolou Cuba e hipnotizou a esquerda durante 50 anos*”. No enquadramento dramático, o narrador expõe Fidel Castro como uma sombra, na contraluz, com um fundo também negro, de modo a descrevê-lo como uma marca de um tempo, algo sem cor, somente com contorno de um personagem cujo antagonismo se revela “melancólico”, em memória da ditadura de esquerda comunista, com 50 anos no poder. Seguindo o narrador, nos tempos modernos e democráticos, então, “*Já vai tarde*” (7/2/2008, ed. 2049).

A crise da disputa de poder, que envolve os Estados Unidos, que compram petróleo, e a China que vende armas, em Darful, faz parte das narrativas de Veja, como acontecimento-intriga neste episódio. No título: *Darfur, à espera do salvador: O genocídio sem fim no coração da África desafia o sentimento cristão e o simbolismo do Natal* (24/12/2008, ed. 2092). As guerras sucessivas na região transformam o país em



lugar sem ordem, com o assassinato de homens e mulheres, conforme os grupos armados que assumem o poder, no final, um genocídio. Na narrativa, uma mãe africana, com suas vestes típicas da cultura da região, com tons entre o amarelo e o vermelho, segura o filho esquelético, olhando para ele, com preocupação e proteção. A mulher está entre os milhares de vítimas do “[...] genocídio sem fim no coração da África [...]”, no final, uma violência que “[...] desafia o sentimento cristão e o simbolismo do Natal”. Um país sempre “À espera de um salvador”, de um “sentimento cristão”, do espírito do Natal. O narrador não enfrenta a intriga e desenha um sistema dramático, no apelo religioso para a narrativa, na composição de sua diegese.

As chuvas torrenciais, no começo do ano chamaram a atenção de Veja, quando escreve: “*Por que chove tanto*: uma rara combinação de fatores atmosféricos é a causa do dilúvio que há mais de 40 dias castiga o sul e o sudeste do Brasil” (10/02/2010, ed. 2151). Na imagem, uma mão submersa segura um guarda-chuvas, com um céu carregado de nuvens negras e raios. Adiante, ao fundo, a cidade paulista, o cenário sugerido pelo narrador, com água que começa a invadir casas e prédios, porém, nenhum ator político ou social, que desvele aspectos sobre a infraestrutura da capital paulista, a maior da América do Sul. A rigor, a razão está em “[...] uma rara combinação de fatores atmosféricos [...]”, conta o narrador de Veja. Uma situação que dura 40 dias e atinge além da região sudeste, como São Paulo, também cidades do sul do Brasil. O fenômeno natural que maltrata as duas regiões e causa transtornos à população das grandes cidades, não entra nas contas das intrigas-políticas paulistas, mas combinações atmosféricas raras, sem controle pelos homens, de fato, nesta narrativa.

De março de 2010 em diante, as eleições presidenciais no Brasil entram definitivamente para o enquadramento dramático político do narrador, dando mais vigor a um episódio importante da trama da capa. Inicialmente, uma denúncia, com o título: “*Caiu a casa do tesouro do PT*”, com o subtítulo demarcado por uma pequena estrela vermelha: “[...] o petista que vai cuidar das finanças da campanha de Dilma Rousseff é apontado em inquérito como pivô de um esquema que desviou dezenas de milhões de reais e abasteceu o caixa dois da campanha de Lula em 2002” (10/03/2010, ed. 2155). Na imagem esmaecida, está o antagonista da narrativa de Veja, João Vaccari Neto, um fantasma da corrupção, secretário de finanças do Partido dos Trabalhadores. Personagem que vai cuidar da campanha de Dilma Rousseff e teve participação ilícita na campanha de Lula, abastecendo o caixa dois de sua campanha presidencial. À frente do personagem, uma estrutura montada, referindo-se a uma casa, toda com pacotes de



dinheiro, porém desmoronando-se. No enquadramento dramático, “Caiu a casa do tesoureiro”, que é “do PT”, partido do atual e poderá ser do futuro governo brasileiro.

A estória segue, na próxima edição, com título e subtítulo: “12%, no meio da página, em destaque: A conexão bancoop/mensalão” (17/03/2010, ed. 2156). Desta vez, novamente a imagem do personagem antagonista, João Vaccari Neto, sendo desmascarado por testemunha, revelando a estratégia do tesoureiro do PT, o modo de desviar dinheiro para o mensalão. Na imagem, o 13 da sigla do Partido dos Trabalhadores sobre uma estrela vermelha, que se repete ao infinito, e, em cima do 3, vem o numeral e o símbolo de porcentagem, 2%, escrito em giz, completando 12%, cifra da ilicitude, que cobre a marca do partido do presidente Lula. Seguindo a linha do meio da página, em direção à parte inferior da edição, conta o narrador: “A conexão bancoop/mensalão, ‘ele cobra 12% de comissão para o partido’. Uma testemunha-chave, sem identificar o personagem da trama, da Justiça, revela como o tesoureiro Vaccari desviava dinheiro grosso para o mensalão”. Ao lado da frase, está a foto de Vaccari, em 3/4. Na composição, a denúncia sobre o envolvimento do PT no caixa dois de campanha do mensalão petista. Na estória de Veja, o partido, que tem Dilma como Candidata às eleições presidenciais, no final do ano de 2010, está envolvido com ilicitude financeira, no caso o mensalão, acontecimento-intriga, com sequência na diegese da narrativa de Veja, que se desenrola, desde 2005, cujo personagem que tem o poder presidencial é a maior liderança petista, Lula, principal cabo eleitoral de Rousseff – formando as relações na trama, com as intrigas que os envolvem. Nas disputas políticas do narrador, os antagonistas aparecem com destaque, sendo pegos fazendo malfeitos, ilícitos, contra a sociedade brasileira.

Em 14/04/2010 (ed. 2160), os fenômenos da natureza voltam na estória do narrador, em outro cenário. Cristo chora diante de tantas chuvas que fazem vítimas na capital fluminense, numa referência ao Cristo Redentor, sendo o principal símbolo da cidade do Rio de Janeiro, com grande significação para o imaginário brasileiro, de cunho religioso, elevando na narrativa o apelo dramático, na estratégia do narrador. Veja não traz um título, como modelo tradicional da composição da capa, apenas subtítulo-título - ou imagem-título -, no lado esquerdo da página, na parte inferior, espaço em que escreve: “Culpar as chuvas é demagogia. Os mortos do Rio de Janeiro que o Brasil chora foram vítimas da política criminoso de dar barracos em troca de votos”. O narrador apresenta o personagem Cristo Redentor, com cabeça baixa e olhos lacrimejantes, como a representação da tristeza do Brasil que chora, pela falta de



responsabilidade dos políticos populistas do Rio de Janeiro. Sem imagem dos personagens da política que, de maneira explícita, agem indiscriminadamente, permitindo a construção de barracos, em lugares de riscos, em troca de votos.

Na trama-intriga Veja descreve as disputas entre, de um lado, o povo brasileiro que chora, protagonista⁸, os mortos do Rio de Janeiro, vítima; e, de outro lado, os políticos, antagonistas, populistas, em razão da tragédia carioca. Povo *versus* políticos (numa relação quase virtual), sem destacar a figura dos personagens antagonistas da trama, efetivamente. Cristo simboliza o povo; as lágrimas do santo como consequência das ações políticas, o que motiva tristeza, sofrimento. O narrador, no fio da estória, descreve o fenômeno natural, de maneira diferenciada, em conformidade política com o cenário, na diegese. São Paulo, “[...] combinação de fatores atmosféricos raros [...]” (ed. 2151); no Rio de Janeiro, o antagonismo político faz o povo brasileiro como vítima. Em comum, narrativas que não apresentam os personagens, porém cena de reprodução de uma crise que atinge a todos. O símbolo de uma mão que segura o guarda-chuva, com seu personagem dentro d’água, e outro, o símbolo religioso, o Cristo Redentor, que chora pelo povo. O narrador segue com o seu projeto dramático, na perspectiva da trama política, que tem sequência nas páginas internas.

Sobre o episódio da campanha eleitoral presidencial, o semanário retoma o fio dramático da estória – com o tempo fazendo aumentar as intrigas e disputas de poder, ao se aproximar o dia da escolha do presidente da República do Brasil. Desta vez, em 17/7/210 (ed. 2173), Veja apresenta no título e imagem: “*O Monstro do Radicalismo*”, e subtítulo: “A fera petista que Lula domou agora desafia a candidata Dilma”. Com predominância do vermelho com a estrela petista, o narrador destaca um monstro disforme, com cinco cabeças (as pontas da estrela petista) que se apresenta pronto para o ataque, cujo enquadramento dramático revela sensações de riscos e tensão, no momento político brasileiro. Na diegese, os protagonistas são os petistas do “radicalismo”, “a(s) fera(s) petista(s), que Lula domou”, mas que podem não ser fáceis de serem controladas por Dilma Rousseff, a candidata petista. A população brasileira corre perigo, ao se decidir por Rousseff⁹. Lula (neste ponto da estória no fio narrativo) se mostra um *protagonista* capaz de realizar a tarefa, qual seja: de conter o ímpeto do

⁸ Para quem conta sua estória, o seu leitor, busca dialogar no sentido de leva-lo o conhecimento sobre realidade da política brasileira, e, neste propósito, também diz respeito a enunciados dirigidos à comunidade latino-americana, tendo como referência fundamentalmente seus argumentos ideológicos.

⁹ Na diegese da narrativa de Veja os perigos principais concernem à incapacidade de Dilma Rousseff em deter os radicais que querem censurar a imprensa, aumentar o poder do Estado, interferir no mercado. Atrever para uma esquerda radical, como é praticada em Cuba, de Fidel Castro.



monstro do radicalismo. O narrador Veja descreve a sucessora do petista como frágil, politicamente, e incapaz de se mostrar uma liderança petista, com desenvoltura necessária para enfrentar os radicais do partido. Como estratégia narrativa, no fio da narrativa, deixa a mensagem: melhor seria não arriscar, elegendo-a.

Na sequência da estória da capa, no dia 22 do mês de setembro, a 15 dias do primeiro turno das eleições, o narrador segue na trama, em conformidade com o projeto narrativo estabelecido, desta vez, usando o efeito da ironia. Escreve no título: “*A Alegria do Polvo*” (22/09/2010, ed. 2183), com a imagem do Palácio do Planalto e uma voz diz: “Caraca! Que dinheiro é esse?” A voz é do personagem protagonista da narrativa de Veja, “Vinícius Castro, ex-funcionário da Casa Civil, ao abrir uma gaveta cheia de pacotes de dinheiro, na reação mais extraordinária do escândalo que derrubou Erenice Guerra”. O monstro dos radicais de cinco cabeças da narrativa anterior, agora dá lugar na trama ao “Polvo”, com imensos tentáculos, nas cores vermelhas (símbolo do PT), que agarra os pilares do prédio presidencial do executivo federal. Na figura do novo monstro, o coração do poder está sendo atacado, fazendo a “Alegria do Polvo”, com seus tentáculos alongados, que tudo alcançam. Na diegese da narrativa, o governo de Lula – criador da candidata e candidatura de Dilma Rousseff – *agora como antagonista*, sendo representado pela personagem Erenice Guerra, funcionária Casa Civil. No episódio, a última narrativa, antes das eleições presidenciais, convivendo com as estórias de um país sob ataques de monstros políticos.

Alguns dias depois do segundo turno eleitoral, *ponto de virada* da narrativa, com vitória de Dilma Rousseff do PT, contra José Serra do PSDB, o narrador descreve na estória a dúvida sobre o futuro político de um dos principais personagens das narrativas jornalísticas brasileiras, Lula e seu Lulismo. Na parte inferior da capa está o título: *Ele sairá da presidência, mas a presidência sairá dele?* (3/11/2010, ed. 2189). Um ex-presidente que cede lugar para a ex-ministra de seu governo, a quem criou e apoiou, agora está encerrando seu mandato. A figura do personagem Lula, ocupando toda a capa, com coco da Bahia na mão, boné nas cores branca e vermelha, calção de praia, com perfil gordo, mantém a faixa presencial desenhada no corpo, sobre o ombro direito (simbolicamente não sairá, está impregnada nele), caminhando sobre um fundo branco – um fantasma, disforme e presunçoso. A presidência segue com ele e o lulismo; o personagem manterá (futuro) função de liderança na política do PT, agora, com Dilma, no governo. Sem frase de efeito, ou afirmações, o narrador sinaliza para o futuro do



personagem, Lula, com popularidade e carisma, para continuar sua estória em outras páginas, outros episódios.

Cerca de dois meses depois das eleições presidenciais, começa a narrativa após o ponto de virada, na diegese de Veja, entrando em cena Dilma Rousseff, agora, com a faixa presidencial, vestida de branco, com sorriso no rosto, seguida por um exército de pessoas, à sombra de uma presidente. No início de mandato, nos dias iniciais, é tempo para reflexão, para avaliar “As oportunidades e os riscos na largada” (5/1/2011, ed. 2198), conta Veja. Personagem que já faz parte do drama de uma narrativa que deverá ser conturbada, deixando evidente para o leitor que os textos seguintes serão de mais emoções, em novos episódios jornalísticos, cuja trama tem um corte para uma outra estória. Para o momento, inicia-se “A batalha dos 100 dias”, os quais não devem ser somente de calma e tranquilidade, mas período de reserva para ouvir as pessoas, no sentido de definir caminhos seguros para o cargo do executivo do Brasil¹⁰, reservando-se as oportunidades e os riscos. No enquadramento dramático, estão as vozes de Veja, na definição das oportunidades e riscos.

Como a estória tem sequência permanentemente, e, depois de vários episódios que se sucedem, já no final do ano de 2012, os acontecimentos-intrigas do passado permanecem como *flashback* para as estórias do presente. O narrador retoma o personagem Lula e o lulismo para a diegese, com sua herança de governo e suas relações de amizades e interesses. A secretária das intimidades do ex-presidente está envolvida em desvio de dinheiro público, usando a proteção de seu “ex-patrão”, quando estava na presidência. No título (2/12/2012, ed. 2298): *Rosemary Noronha - Luiz Inácio - a mulher que sabe demais ... E O Homem Que Nunca Sabe de Nada*. Logo abaixo, no rodapé, o subtítulo: “[...] uma aventura real de abuso de poder, corrupção em altos cargos do governo ... E punhaladas nas costas”. Não se trata de uma secretária qualquer, mas faz parte de aventura real de abuso de poder. A rigor, o personagem-presidente cometeu, ao lado da funcionária, corrupção em altos cargos do governo. No final, punhaladas nas costas. Rosemary e Lula têm muita proximidade, o que faz dela uma “[...] mulher que sabe demais”. Na capa da revista, com fundo negro, Rosemary caminha sorridente, em um vestido de listras em preto e branco, com cabelos soltos e

¹⁰ Importante observar que o narrador sempre deixa o leitor na expectativa do que virá, nos próximos episódios das narrativas, trazendo pontos dramáticos que jogam para o futuro e a ansiedade de saber dos acontecimentos-intrigas. Ainda, considerando sua posição argumentativa para a diegese, como neste caso, “oportunidade” e “riscos” na largada. Depois desta fase inicial, o que virá? Somente o tempo e a estória jornalística dirão.



com elegância, olhando para a câmara. Uma personagem intrigante e perigosa na trama; e Lula, logo atrás, vem andando, com ar de preocupado, vestido de maneira formal, com terno e gravata. O ex-presidente esconde suas relações e conversas confidenciais, no final, “[...] o homem que nunca sabe de nada”. Lula foi flagrado por meio da secretária e agora deverá dizer o que sabe. O personagem tem o que dizer. Vai dizer? Uma trama que tem lastro na política do governo de Dilma e no Partido dos trabalhadores, completando a trama na estória política, seu pano de fundo. A secretária, personagem enigmática da narrativa Veja, pode revelar segredos do presidente popular do PT. Em jogo, corrupção em altos cargos do governo petista de Lula e Dilma Rousseff.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa de Veja segue um roteiro, na definição da diegese de modo a afirmar posicionamento político ideológico, cujo projeto dramático organiza seus personagens em protagonistas e antagonistas, respectivamente os seus heróis e anti-heróis. Contudo, na condução do fio da trama, a configuração dos agentes sociais responde a uma ordenação, com suas estratégias, que no diálogo com o seu interlocutor, estabelece representações que afigure a uma realidade.

A mesma condição de Rio de Janeiro e São Paulo, sofrendo com as intempéries naturais, com problemas nas áreas urbanas das capitais, merecem descrições diferentes na tessitura da trama. As imagens da mão que segura o guarda-chuvas, distancia o fator político da visão do leitor sobre a responsabilidade dos agentes paulistas, enquanto que na capital carioca a personificação de Cristo, que chora, tratando com ênfase o símbolo religioso que contrapõe à política local. Os políticos populistas estão na realidade contra o povo, que chora depois dos fenômenos que são naturais e deviam merecer atenção, não medidas que visem apenas propostas políticas.

As eleições presidenciais os antagonistas são visíveis, aqueles que se relacionam ao Partido dos Trabalhadores, representados por imagens de monstros de várias cabeças ou mesmo polvo, cujos tentáculos transformam-se em uma metáfora para corrupção, que se apodera indevidamente dos bens públicos.

Seguindo o projeto dramático, o personagem como o ex-funcionário da Casa Civil ganha legitimidade da narrativa, assume papel de protagonista, cuja ironia visa evidenciar o quanto a corrupção está impregnada nos personagens antagonistas de Veja. A Secretária, por sua vez, se transforma na voz que pode transparecer a verdade que não



está dita sobre o governo que termina. Assim, a narrativa prossegue para novos episódios, com novas revelações para descortinar a realidade que deve ser vista, não somente no tempo presente da narrativa, mas no futuro.

O papel dos personagens segue um roteiro, de modo a se adequar aos papéis definidos previamente, com consonância com a construção ideológica que se apresenta. Se em determinado cenário o ex-presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, se apresenta como protagonista, aquele capaz de controlar os petistas radicais, o que Dilma não poderá fazer; em outro esconde verdades, de corrupção e malversação da coisa pública, um antagonista, anti-herói. Na estória, os agentes respondem a circunstância política e estratégias do narrador em contrapor realidades que, nesse diálogo com o leitor desvela o universo político, permanentemente, nas disputas de poder.

Mas por que a América Latina entra nesta discussão da narrativa de Veja? A rigor, considerando a metodologia que empregamos aqui, a narrativa do semanário segue no fio narrativo, não somente na particularidade para cada texto, mas na intertextualidade dentro da revista, de modo a conduzir o leitor a uma visão ideológica, ante as disputas pelo poder, que resulte nas concepções sobre a própria política cubana, para a região, como moral de uma narrativa que chega ao seu pano de fundo. O neoliberalismo parece se descortinar com a única saída para um modelo de globalização, em um mundo que somente pode desenvolver-se com a força dos mercados, sendo autorregulados pelas lideranças dos centros econômicos, em parcerias com as elites nacionais e regionais. Em resumo, a exemplo da política cubana, países da América Latina andam na contramão desta narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 14ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo: Unesp, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora UnB, 2013.
- SILVA, Carla Luciana Souza da. *O “Admirável Mundo” de Veja: Influências Sociais de uma Revista De Informação*. HOL, 2008, n. 15, 89-105.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- THOMPSON, John B. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.